



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

À verdade sobre a questão do pão



NA PADARIA.

— Afinal, que diferença ha entre o pão de quatro e meio e o de tres tostões?

— Duzentos e dez.

PALESTRA AMENA

Sic transit...

Temos sobre a nossa mesa de trabalho uma carta assinada pelo sr. Hipopotamo, do Jardim Zoológico, em que se queixa da volubilidade do nosso publico.

Imaginou o pobre bicho que, pelo entusiasmo dos primeiros dias—o animal atribue as pedradas no olho a uma expansão mais viva de interesse pela sua pessoa—imaginou que seria até o fim da vida o idolo do publico, que as manifestações de apreço de que fôra alvo aumentariam até, que viria mesmo a obter uma boa colocação, quiçá a fazer um casamento rico. Da empresa do Jardim não se queixa; essa continua a réclamá-lo inteligentemente, a afixar-lhe o retrato em cartazes pelas esquinas, em publicar pormenores biograficos, chegando a mandar dizer para os jornaes que está tratando do aquecimento da instalação, que vai fazer todo o possivel para que ele passe o inverno no conforto d'uma temperatura de 15 graus. Mas tudo isso é inutil. A fila dos admiradores de sua senhoria vai rareando, a curiosidade quasi desapareceu e, peor do que isso, a simpatia dos primeiros tempos está sendo substituida, se não por uma antipatia já claramente acentuada, pelo menos por uma indiferença um tudo nada agressiva, ouvindo-se não poucas vezes exclamações como esta:

—Afinal é feio como o diabo!

—E pequeno, insignificante. O do cartaz é maior!

E, com grande ar de desprezo:

—Por fim de contas, parece que nem é hipopotamo. E' hipopotama!

A carta que nos escreveu é amarissima, desconsoladora e revela um desanimo que pode levar ao suicidio. Termina com estas palavras: «Mas que é preciso n'este paiz para conquistar uma simpatia duradoura?»

Que é preciso? E' preciso não seguir o caminho errado que vossa senhoria seguiu. E' preciso que saia d'essa modestia amfibia que o caraterisa, metendo-se na agua todas as vezes que o querem vêr, ocultando-se e mostrando-se trombudo.

Primeiro, foi um erro não se introduzir na politica; depois, que quer vossa senhoria que se pense d'um ser que não aparece em banquetes publicos, que não faz um discurso de confraternização, que não escreve um livro de versos ou de economia politica, que não é socio da Academia das Ciencias de Portugal, que não faz uma revista do ano, que não se propõe a deputado, que não assiste ás recitas do Guítry, que não veste no Amieiro, que não tem uma amante no teatro—continuamos a supôr que vossa senhoria é macho,—que nem ao menos é gatuna de forasteiros? E quer a celebridade, o respeito, a consideração, o carinho geral permanente?

Ora, sr. Hipopotamo: sabe que mais? Tenha juizo. O caminho a seguir a' fêa indicado, mas permita-nos que lhe digamos que já nos parece tarde para tomar por ele; agora teria de atropelar

muita gente que se lhe adiantou e de ferir muitos interesses criados. O melhor que tem a fazer é conformar-se, reconhecer que foi burro e contentar-se com a satisfação intima dos proprios merecimentos, se os tem.

José Neutral.

Uma baleia em Madrid

(Resposta a um jornal hespanhol)

Somos muito capazes de já ter contado esta anedota e vossas senhorias, mesmo que ainda a não contassemos, são muito capazes de a saber. Mas a repetição e o avivar da memoria não fazem mal a ninguem, quando se trata apenas de desopilar.

Uma vez houve uma grande cheia no Manzanares, que, como sabem, é aquele fiosinho de agua que passa em Madrid e onde só podem navegar barquinhos de papel. Mas chovera duran-



te muitos dias e na ocasião a que nos referimos o fiosinho tinha-se transformado n'um fiosão e a corrente, grossa e impetuosa, arrastava arvores, azenhas, madeiros e até pipas, que os madrilenos procuravam arrastar para terra, atirando cordas, empregando croques, etc.

Ora quando puxavam uma das pipas compreenderam pelo peso que ela estava cheia, muito provavelmente de vinho, e o regosijo manifestou-se logo ruidosamente. Gritava-se, com enthusiasmo:

—Va llena! va llena!

Das margens do Manzanares a alegre nova chegou até ao coração de Madrid e d'aí a pouco berrava-se por toda a cidade:

—Ballena! ballena en el Manzanares!

Não faremos a vossas senhorias a injuria de supôr que não atingiram a graça e não perceberam o calemburgo. Va llena mudou-se facilmente em ballena e Madrid em peso correu para o Manzanares para vêr o prodigio com os seus proprios olhos.

De onde não ha motivo para os nos-

sos vizinhos se rirem de faceis confusões. Quem confunde uma pipa com uma baleia era tambem muito capaz de confundir um safio com um subterfugio.

Imagens inéditas



Um escritor moderno, e'aborando um folhetim e procurando imagens originaes.

«Maria era caprichosa como... como a minação electrica da Companhia do Gaz e nha a alma negra como... o assucar de senove vintens...»

A força da orator

Aprovamos do fundo da alma a solução do governo concedendo a Camões Leal uma pensão que o põe a abrigo da miseria. E feita esta declaração diremos ao sr. Antonio José de Almeida que para defender a proposta não precisava dizer que «deixar morrer a fome Gomes Leal seria tão criminoso como foi criminoso deixar morrer a fome Camões».

Com o devido respeito, ha sensível diferença entre os dois poetas. Quanto mais não seja no olho cego.

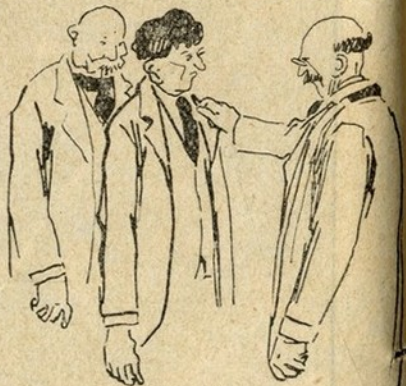
Balzac e Solle

Houve um estremecimento em todos os corações bem formados ao lêrem n'uma critica feita por um jornal de manhã á peça de *Inferno*, ha dias estreada no Ginasio, que os seus autores se tinham inspirado na obra de Balzac.

Perdão: o critico teve razão e não teve. Em castelhano, lingua em que a peça foi escrita, ela na verdade nasceu de Balzac; mas na versão portugueza, de João Soler, é efectivamente um bocadinho balzaquiana.

Escusam de perguntar por quê. É um segredo que havemos de levar para o tumulo.

INDICIO DE LOUCURA



O pae do Lulu, menino de quinze annos, manda chamar o medico. Este, depois de examinar o doentinho:

—Mas, afinal, porque imagina o meu amigo que o cerebro de seu filho não funciona bem? O pae, desconsolado:

—Porque quer por força aprender o esportanto...

Campo Pequeno

Lêmos n'alguns jornaes de domingo último:

«Foi mobilizada e entregue ao comando militar para serviço de transportes a praça do Campo Pequeno, não podendo por esse motivo realisar-se hoje ali a novilhada que a empresa havia projectado.»

O que nós temos adeantado ultimamente na arte de preparar a guerra é um assombro! Agora até se mobi isa a praça do Campo Pequeno, como se fosse uma simples mala de mão!

E' pena que a missão anglo-franceza não tenha assistido a esta proeza, para ver o que é ter força!

Estrago de papel

Tenham paciencia, mas se nos fosse cometido o encargo de dirigir algum periodico sério—de que o Separado nos livre!—fariamos grande economia de espaço, reservando-o só para coisas proveitosas.

Posto isto propomos á direcção dos ditos periodicos a supressão das seguintes nulidades:

—Noticias de atraso de comboios, depois de elles terem chegado.

—Noticias de ter havido chuvas e temporaes, sem consequencias de interesse.

—Secções de anniversarios, casamentos, nascimentos e outras bugigangas que só servem para entreter a vaidade de meia duzia de pessoas.

—Noticia do que se passou ha quarenta anos. O que lá vae, lá vae.

—A hora do nascer e pôr do sol, do preamar e baixa-mar, que ninguem precisa de saber.

—A enumeração dos animaes oferecidos ao Jardim Zoologico, quando não sejam raros, porque ninguem se importa que lá haja mais galinhas, pombos, etc.

—Os artigos do madurista Amilcar de Sousa, a não ser que ele os pague. Etc., etc.

Poupavam-se bem 3 ou 4 colunas, com vantagem para todos.

Cronologia avariada

Os cronistas teatraes de um jornal da noite publicaram um artigo contendo declarações importantes, como as de que tencionam elogiar os actores que representarem bem e censurar os que representarem mal. Assim seja, e notando que a dificuldade na critica consiste precisamente em se saber quando se representa bem ou mal, fazemos votos por que os ditos cronistas sejam mais ponderados quando criticarem do que quando citam as estações do ano.

Sabem como elles começam o artigo referido? por estas palavras: «Caríssimos leitores, estamos em pleno inverno.»

Se souberem tanto de teatro como de cronologia, estão os pobres actores bem servidos!

EM FOCO



AUGUSTO GIL

Amigo: um bom soneto não tem graça
Consagrado a poeta assim perfeito;
Vou, pois, faze-lo sem cuidado e geito
A ver se por extranho, agrada e passa.

Forçada a rima, indefinida e baça,
Cadencia frouxa, que é maior defeito,
Tudo produzirá tão mau efeito
Que talvez d'esse modo satisfaça.

As quadras já lá vão. E' n'esta altura
Que se torna difficil o soneto
Por ter de preparar-se a fechadura.

Emfim, cheguei ao ultimo terceto.
Mas se a vates de tal envergadura
Mais versos dedicar, eu seja preto!

BELMIRO.

Teve graça

... mas já a vae perdendo. O primeiro soneto que o sr. Jorge Manuel, da Lisboa Esperantista Societo, nos mandou, foi aqui transcrito com a merecida referencia elogiosa; porque estava bem feito, tanto que a pessoa n'ele visada estava disposta a dar ao autor a honra de uma resposta. Para isso, começou a fazer um improviso, que estava quasi terminado, quando lhe chega pelo correio outro soneto, o que que se vai ler.

Ora como este é inferior ao primeiro e com tal decrescer é de recear que os subsequentes ainda sejam peores, o improviso fica de molho mais algum tempo.

Segue a frouxa composição:

EM DESAFIO

O esperanto

Tantos dias! E não te penalisa
O improviso chôcho e flatulento...
Tu, um poeta, um homem de talento...
Valha-te um burro a rir: é a precisa.

Quem com tanta decencia poetisa
Manda prosa e que prosa... O desalento
Venceu-te eu apostava o anjo b-nto
Em como o meu valor te paralisa.

Chama em esperanto p'la musa; nem as-
sim?...
Ou tens nas veias sangue de erustaceo
Ou o verso te custará dinheiro;

A fuga foi surpresa para mim,
Pois só te conhecia como Acato
Mas supunha-te menos conselheiro.

Jorge Manuel.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indultrada isposa

Ai filha! i quichavame eu ás vezes de ti pur cósá do teu nervoso! O' pé da sr.^a Maria Matos e da munina Seleste Leitão és tu a mulher mais çusegada do mundo! U nervoso da sr.^a Maria Matos é tanto que inté cucheia e pisca un olho, alem de a fazer tão medronha de cara caquilo có cumprada ó xafariz de Peras Ruivas. Inmajina ela que ção pursizos aqueles inzageros toudos para ter grassa, cumo se a sr.^a Barbra, pur inzemplo, nas çogras que fazia no Ginasio tivesse pursizado de iço! I agora mêmô lá tem o inzemplo do Alegrim, que faz rir a jente cum touda a natureza.

Adiente. Já deserto porsebeste que te istou a falar no *Inferno*, pessa ispanhola cu sr. Juão Suler verteu para portuguez i que se xama acim porque u tal nervoso teransforma as casas du Alegrim e du Almada, espousos respectivamente da sr.^a Maria Matos e da menina Seleste, em verdadeiros infernos.

Pur fim, já se çabe, tudo acaba im bem, ós pois dos çtores e atores terem çuado as istupinhas pra fazer rir u puvlico i da queaque ce ter istafado a puchar pellos apelausos: u puvlico çae çastifeito, com vontade de puxar á fieira a menina Seleste, de dar uma boa dusia de assoites na menina Pepita dá Breu i de perduar ós oitros, porque fazêram u que puderam.

Pela prumeira vez o ator Cradoso fez um papel deramatego agardando munto i fazendo rir cem ce voltar de costas.

Pur oje não te falo na cumpanhia feranseza para não cer mais istenço; prá oitra vez çará.

Muntos abrassos du teu

Jerolmo

Emprezar o do Pau'ltiama
de Peras Ruivas

O Jardim Zoologico

Noticiam os colegas sérios que os «amigos do Jardim Zoologico» pensam em estabelecer n'aquelle recint, logo que se assine a escritura de compra do parque das Larangeiras, o «lavatorio e o W. C.»

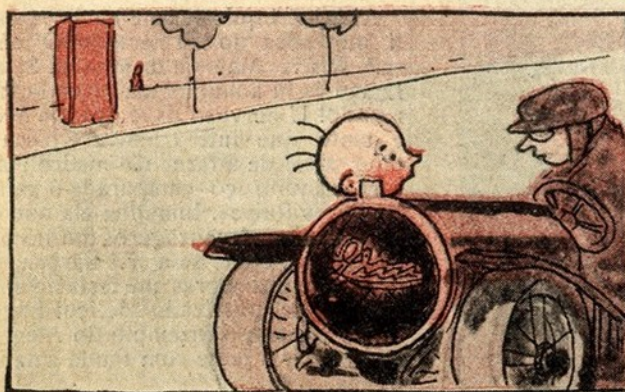
O reclame ao Jardim tem chegado a estas miudezas. Esgotado o hipopotamo e sendo preço continuar a interessar o leitor, a direcção já recorre ao W. C. Fará como lhe aprouver, mas será conveniente não insistir n'esta ultima nota, porque pode vir a cheirar mal.

Erro de termo

Diz uma folha que se sabé positivamente que os alemães destacaram para o Atlantico uma «esquadilha» de submarinos.

Desculpará o colega, mas não é esquadilha: quadilha é que é.

De como o Manecas descobre uma maquina de fazer chouriços



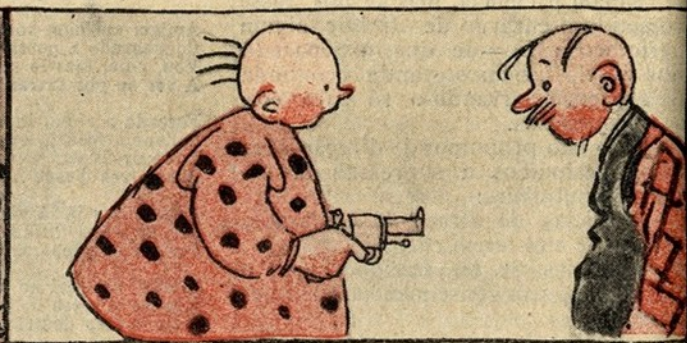
1.—Recebido o bilhettino
Manecas põe-se a caminho.



2.—Dentro em pouco—ó maravilha!
Dará com toda a quadrilha.



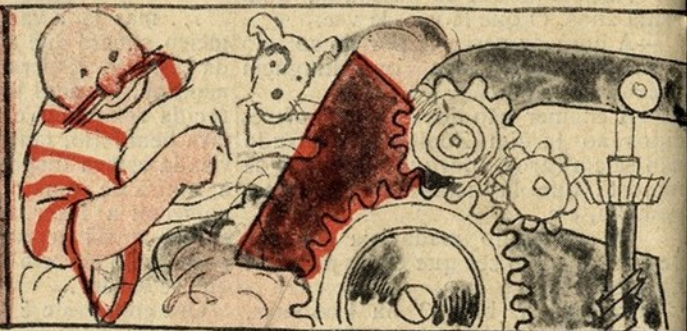
3.—Manda parar mais além,
Pois vae ali e já vem.



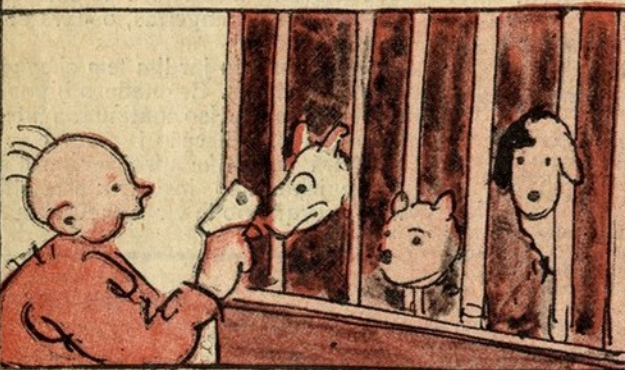
4.—Bate; o porteiro intimida,
Que julga perder a vida.



5.—Entra em casa, o corpo ageita
Encostado à porta espelta



6.—E assiste à fabricação
De chouriçame de cão!



7.—Descendo ao pateo, o garoto
Reconhece o cão Piloto.



8.—Solta cães, solta cadelas...
P'rá semana é que são elas!